

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ANÁLISE DO FILME COMO ESTRELAS NA TERRA

Ligia Ribeiro Ferreira; Nataly Cristina da Silva Costa; Keilla Rebeka Simões de Oliveira;
Juliana Ferreira Gomes da Silva.

(Universidade Federal de Pernambuco. ligia.rf1@gmail.com; natalysc58@gmail.com; keilla.rso@gmail.com;
julianafgs@yahoo.com.br)

Resumo: O presente trabalho teve por objetivo trazer reflexões sobre a temática da educação inclusiva a partir da análise do filme ‘Como estrelas na Terra’ (2007). O filme conta a história de Ishaan, um garoto de terceira série que encontra dificuldades dentro e fora da escola. Com a chegada de Nikumbh, novo professor de artes que percebe em Ishaan traços de dislexia, a trajetória do garoto é transformada. O professor constrói um novo projeto educacional para ele, devolvendo-lhe o desejo de aprender. A partir dessa história, é feito um estudo de caso sobre dislexia e inclusão no ambiente escolar, assim como são elencadas possibilidades de trabalho em casos como o de Ishaan. Ademais, discute-se acerca do sistema educacional, que muitas vezes se apresenta enrijecido, não se abrindo para novas possibilidades de trabalho, e conseqüentemente não dando lugar às diferenças.

Palavras-chave: educação inclusiva, inclusão social, dislexia, educação básica, psicologia.

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo trazer reflexões sobre a educação inclusiva a partir do filme “Como estrelas na Terra” (2007), que conta a história de Ishaan, um garoto indiano de 8 anos de idade que tem dificuldades de aprendizagem, entre as quais, dificuldade para ler e escrever. Após uma série de reclamações na escola, o pai de Ishaan decide colocá-lo em um internato, acreditando que tal desempenho do filho se dá por falta de disciplina.

Apesar do meio rigoroso e normativo, Ishaan continua sentindo dificuldades e sente-se cada vez mais triste e incapaz de lidar com as demandas que lhe são feitas. É apenas quando chega o professor substituto de artes, Nikumbh, que a trajetória do garoto é transformada. Com uma abordagem mais lúdica, através do uso de recursos visuais e musicais (como fantasia, flauta e canto), ele busca construir um espaço educacional no qual os alunos podem se expressar através da arte. Ao perceber que Ishaan não participa das atividades, ao invés de reprimi-lo, o professor passa a lhe observar mais atentamente, e percebe um padrão nas dificuldades de escrita apresentadas pelo aluno, que poderia estar dentro do quadro da dislexia. A partir daí, o professor contata o diretor e a família do aluno, e passa a desenvolver um projeto para auxiliar Ishaan. Isto, aos poucos, reverbera na melhora do seu desempenho escolar, assim como fomenta sua autoestima.

A partir das questões levantadas no enredo da história, é possível realizar algumas reflexões à luz de temáticas em Educação Inclusiva, como o conceito de inclusão social, as dimensões de acessibilidade (SASSAKI, 2009), entre outros assuntos.

Compreende-se o filme como uma ferramenta que pode trazer a discussão sobre a inclusão de forma lúdica para estudantes e profissionais em contextos diversos, como na escola, no ensino superior, ou como forma de lazer, o que faz deste um campo potencial de articulação e análise a partir de teorias da educação inclusiva.

Método

De acordo com Fabris (2008), o cinema exerce uma forte ação pedagógica na atualidade, estando a sociedade experienciando continuamente uma cultura da imagem, que lhe traz aprendizados específicos. A partir de uma visão que percebe o cinema como uma produção cultural que cria realidades e amplia significados (FABRIS, 2008), é possível tomá-lo como uma ferramenta privilegiada de análise, impulsionando reflexões acerca de diversos temas, no presente trabalho, utilizamos a obra cinematográfica “Como estrelas na terra: toda criança é especial” (2007) para refletir sobre a temática da educação inclusiva.

Assim, neste trabalho, foi realizada uma análise da obra cinematográfica a partir de referencial teórico de interface entre a Psicologia e a Educação. A articulação proposta tem por base autores que se dedicaram ao estudo do desenvolvimento atípico ou de processos de inclusão em seu sentido mais amplo, tais como: Vygotsky (2011), Sasaki (2009), Pacheco (2007), Machado (2004), entre outros.

Embora se trate de uma obra de ficção, o enredo e as cenas representam de modo verossímil a realidade de muitas crianças e jovens que sofrem com um sistema educacional ainda não adaptado para receber a diversidade que caracteriza o desenvolvimento do ser humano. É também notável que o filme traz a discussão de forma lúdica, podendo acrescentar às metodologias tradicionais e alcançar espaços sociais além da escola. Portanto, parece relevante discutir tais questões a partir do filme, uma vez que contribuições podem ser pensadas e generalizadas para situações semelhantes identificadas no cotidiano escolar.

Resultados e Discussão

Inicialmente, será apresentado um breve resumo dos acontecimentos vivenciados por Ishaan para, em seguida, serem feitas articulações entre o filme e a educação inclusiva.

No longa-metragem, Ishaan vive com seus pais e seu irmão mais velho. Ishaan é constantemente comparado ao seu irmão, que possui sempre as melhores notas escolares e

tem um bom comportamento. As dificuldades de Ishaan na sala de aula aumentam cada vez mais até que seus pais são chamados a escola para conversar com os professores e diretores a respeito da situação. As professoras contam que apesar das insistências e diversas tentativas, Ishaan continua com desenvolvimento abaixo do esperado, apresentando os mesmos erros. O comportamento de Ishaan em casa também é tido como desafiador e insolente, seus erros são constantemente ressaltados, de modo que apenas os erros são vistos. Após diversos conflitos com os professores, o garoto é transferido, a pedido da direção, para um internato. Depois desse processo de mudança escolar, longe da família, Ishaan se torna um garoto com comportamentos que indicam um estado depressivo, isola-se das atividades escolares, brincadeiras e desiste de qualquer tentativa de aprender, diante da opressão feita por parte dos docentes. Pintar, que antes era apreciado, não é mais um prazer para ele, uma vez que tudo o que faz é desvalorizado.

A situação começa a mudar com a chegada de um professor substituto de artes, Nikumbh. Este preza pela liberdade de expressão dos alunos, não limitando os seus desejos. O professor percebe que existe algo errado com Ishaan e decide investigar mais a fundo sobre o que poderia estar acontecendo. Ao se aprofundar, conversa com a família e tem acesso às suas lições anteriores, percebe, então, que o garoto possui grande de dificuldades para ler e escrever e que, até o momento, eram tratadas como indisciplina e teimosia. A partir de então, a situação começa a ganhar outro rumo, quando o professor se sensibiliza com Ishaan e tenta ajudá-lo. Durante a aula, ele conta a história de grandes teóricos, cientistas e pintores que passaram pelas mesmas dificuldades do garoto e que tiveram grandes invenções e sucesso em sua vida. Nikumbh conta a Ishaan que ele também tinha as mesmas dificuldades do garoto quando era criança. Pela primeira vez Ishaan conseguiu ser entendido.

Nikumbh conversa com o diretor da escola sobre Ishaan e explica que se trata de um caso de dislexia, isto é, um quadro no qual a pessoa apresenta dificuldade para ler e escrever, assim como para o reconhecimento e correspondência entre signos e fonemas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016). Ele argumenta que o menino é muito inteligente e criativo, apenas precisa de uma ajuda extra. O diretor alega que será difícil o aprendizado do garoto na escola, uma vez que esta deverá se disponibilizar a mudanças para ajudá-lo. Nikumbh se oferece a ajudá-lo e o diretor finalmente concorda. O professor utiliza diversas estratégias que facilitam o aprendizado para o menino, e aos poucos ele consegue ler e escrever. Nikumbh decide então fazer uma competição de artes entre todos da escola. Neste evento, Ishaan vence com a melhor pintura e todos reconhecem seu talento.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia [ABD] (2016), a dislexia se trata de um transtorno de aprendizagem, caracterizado pela dificuldade no reconhecimento da palavra, e na habilidade de soletração e decodificação. Entre os sinais que podem surgir em idade escolar, estão a dificuldade em ler e escrever, a dispersão, dificuldade na coordenação motora fina e grossa, e desorganização geral. No decorrer do filme, vários destes pontos podem ser observados no cotidiano de Ishaan: ao tentar ler, ele diz que ‘as letras dançam’; muitas vezes soletra as palavras de forma errônea, troca ou escreve letras espelhadas; ao tentar resolver uma conta matemática, ele imagina uma história mirabolante e não consegue se concentrar; tem dificuldade de se organizar no tempo e no espaço, entre outros aspectos. Dessa forma, estando inserido num sistema educacional tradicional, que trata de forma homogênea os alunos, as particularidades de Ishaan são negligenciadas, o que produz no aluno uma persistente dificuldade em adaptar-se e desenvolver-se.

A partir desse contexto, muitas questões podem ser levadas em conta e relacionadas com algumas temáticas em Educação Inclusiva. O primeiro ponto se trata do fato de existir uma escola onde não há um olhar para a singularidade do garoto. A falta desse olhar causou grande sofrimento psíquico em Ishaan. Em ambas as escolas, era posto um ensino que utilizava o método tradicional, onde não cabia espaço para as possíveis diferenças que as crianças daquele grupo poderiam ter. Machado (2004) contribui sobre isso dizendo: “A escola tem uma maneira dominante de pensar e de agir que é o modo normativo, para fazer funcionar um coletivo. [...] A loucura tem uma forma de pensar que é afetação, implicação, produção de diferenciação. [...] Cada criança que desafia a estrutura de uma certa escola, exige um projeto singular” (MACHADO; 2004; p.10).

Desse modo, muitas vezes, há nas escolas uma padronização do método e uma normatização dos estudantes, o que pode acarretar em certa negligência de singularidades e potencialidades. O aluno que não se adapta ao sistema é geralmente responsabilizado, e isso gera a produção de desigualdades, fracassos e humilhação (MACHADO, 2004). Machado, Almeida e Saraiva (2009) apontam ainda que a diferença é cristalizada e segregada, sendo produzida como desigualdade, e não se incentiva a diversidade. Na escola anterior ao internato, é dito aos pais de Ishaan que se ele continuar ‘desse jeito’, eles não poderão ajudar o aluno, evidenciando que quem deve ser corrigido é ele e não a escola. Ao entrar no internato e não conseguir resultados como os de seus colegas, Ishaan é tratado pelo professor de inglês como ‘burro, preguiçoso, maluco, idiota, fracasso’, adjetivos que culpabilizam o aluno, sem questionar o contexto ou tentar alternativas, e ainda menos conhecer a história daquele aluno e de suas dificuldades. Ele é tido como objeto-já-dado, rígido e naturalizado, incapaz de mudar

(MACHADO, ALMEIDA E SARAIVA, 2009). Uma vez o vendo dessa forma, a visão sobre o garoto se cristaliza e não mais se enxergam as suas habilidades e potencialidades.

Nesse sentido, é crucial assinalar a importância da iniciativa do professor Nikumbh, que elabora um projeto singular de educação, buscando métodos e ferramentas alternativas, tendo em vista as necessidades de Ishaan. Vygotsky (2011), já na década de 20, discutia a educação especial e a importância da dimensão sócio-cultural no desenvolvimento humano. Em seu artigo sobre a defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal, o autor aponta o caráter social do desenvolvimento, e argumenta que, através da história e cultura, o homem se deparou com obstáculos no ‘caminho direto’ do desenvolvimento, e passou a construir meios indiretos de se desenvolver e alcançar os seus objetivos, a exemplo do uso de instrumentos e signos. Aos poucos, essas ferramentas foram (e continuam sendo) muitas vezes naturalizadas, gerando uma adaptação cultural às pessoas com uma organização psicofisiológica normal, que têm determinados órgãos e determinadas funções cerebrais.

Nesse sentido, ao receber uma pessoa fora desse padrão, muitas vezes não se sabe o que pode ser feito, pois as ferramentas e técnicas culturais são naturalizadas e cristalizadas, o que enrijece um pensamento criativo sobre outras formas de lidar com sujeitos diversos. Assim, evidencia-se a importância de observar essas diferenças, e encontrar meios de contemplar essas pessoas. Vygotsky (2011), em sua época, traz uma posição bastante revolucionária, destacando que as deficiências podem atuar produzindo dificuldades e obstáculos, mas simultaneamente gerando possibilidades, estimulando meios alternativos de se desenvolver.

Aspectos aqui colocados - tal como a naturalização do método, a visão da deficiência ou dificuldade limitada à falha, e a importância de construir meios alternativos - são evidenciados em vários momentos do filme: a rotina escolar de Ishaan demonstra a repetição de um sistema tradicional de ensino que não lhe contempla, e, conseqüentemente, são repetidos também os mesmos erros, e não há uma problematização do método ou atenção às particularidades, mas, sim, uma responsabilização individualista do aluno.

Com a chegada de Nikumbh, o olhar atento revela não só as falhas, nas quais se detêm os outros professores, mas também as potencialidades do aluno, e com elas a possibilidade de construção de alternativas possíveis para contribuir com a aprendizagem do aluno. Para isso, o professor se utiliza de recursos visuais - como o uso de diferentes cores na escrita e pintura; recursos táteis - como a massinha de modelar, que permite a modelagem de letras em três dimensões e as tornam palpáveis; recursos sensorio-perceptivos - como o uso de escadas para

fazer contas matemáticas, subtraindo ao descer degraus e somando ao subir degraus; recursos motores - como a diminuição gradativa do tamanho da escrita, aprimorando sua coordenação motora fina; e recursos afetivos - como quando conta a história de pessoas que tiveram dificuldades similares às do aluno e obtiveram sucesso, contribuindo para o fortalecimento de sua autoestima, e compartilhando com o aluno que ele mesmo também faz parte desse grupo, dando-lhe ao mesmo tempo um modelo e um suporte.

É visto que o professor rompe com o método tradicional não apenas no espaço reservado para as aulas individuais com Ishaan, mas também na sala de aula, com o uso de aspectos lúdicos, como a música e contação de histórias, por exemplo; assim como, a exploração de ambientes além da sala de aula. É importante assinalar também que o professor não busca apenas inserir Ishaan no contexto de sua disciplina, mas procura formar uma rede, acessando o diretor da escola, pedindo-lhe que fale com os outros professores para o avaliarem oralmente por um tempo, e contatando a família do garoto para compartilhar sobre o padrão nas suas dificuldades, além de buscar entender um pouco de seu contexto.

Historicamente, a pessoa com deficiência ou com dificuldades passou por espaços e posições sociais diversos, como a marginalização, que geralmente era acompanhada de uma culpabilização moral e não raro o abandono; assistencialismo, em que muitas vezes a família e/ou a igreja se responsabilizavam por elas, mas como um gesto caridoso e não como a compreensão de direito; até uma compreensão social de seu potencial, educação e reabilitação, ainda que impulsionadas por questões econômicas; e, mais recentemente, uma tentativa de integrar essas pessoas, numa tentativa de fazê-las se adequarem à sociedade (PACHECO E ALVES, 2007).

Contudo, essas diversas formas coexistem atualmente, podendo-se observar inclusive a implementação de uma 'inclusão' que se trata, verdadeiramente, de uma integração. Machado (2004) aponta que isso se traduz, muitas vezes, na redução do social ao corpo do sujeito, ao tratar de pessoas com necessidades especiais que apenas estão presentes em sala de aula como forma de incluir, mas muitas vezes não se acompanha o processo de aprendizagem do aluno para observar se a forma pela qual ele está inserido é realmente eficaz, ou se trata apenas da colocação daquele corpo em um determinado espaço. No caso de Ishaan, apesar de não se ter um diagnóstico prévio, os professores reclamavam de sua postura, mas não tentavam meios alternativos de inseri-lo. A presença de Ishaan na sala é colocada como problemática, pois ele não se adequa ao sistema como os outros alunos, e isso é colocado como responsabilidade (ou irresponsabilidade) dele.

O diretor do internato, em conversa com Nikumbh, afirmou que não seria possível uma escola de tal porte se adaptar apenas a um aluno, no meio de uma turma com tantos outros. A posição desse diretor implica pensar que tanto esta, como a escola anterior, possuem uma postura de integração social. Segundo Pacheco e Alves (2007, p.245), inspirados por Sasaki, esse paradigma consiste em “um modelo médico da deficiência, em que esta é considerada como um problema da pessoa, sendo o deficiente quem precisa ser tratado e reabilitado para se adequar à sociedade como ela é”. Além disso, o garoto estava no mesmo espaço que seus colegas ditos normais, porém não estava incluído no espaço. Tratava-se apenas de um aluno com dificuldades dentro de uma classe escolar comum.

Pacheco e Alves (2007, p.246) também apresentam a ideia de inclusão social como um “movimento bilateral, em que indivíduo e sociedade mobilizam-se para mudanças”. No caso de Ishaan, inicialmente não era admitida a diversidade e a diferença, de modo que estas eram negadas e se dominava a ideia de normatização. A inclusão social só veio se dar quando o professor de artes tentou sensibilizar a direção com a concepção de que as dificuldades enfrentadas por Ishaan também eram problemas da escola, e juntos puderam progredir. A escola estava proporcionando um ensino igualitário, quando na verdade o que Ishaan estava precisando era de equidade, ou seja, era preciso oferecer um ensino que levasse em consideração as diferenças que cada um possuía.

Esse processo de inclusão social dentro da escola pode ter diversas dimensões de acessibilidade, segundo Sasaki (2009). São elas: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. No caso relatado no filme, algumas dessas dimensões podem ser vistas em mais evidências.

Ainda que o autor trate de deficiências, as dificuldades de aprendizagem de Ishaan evidenciam barreiras a nível comunicacional (comunicação entre pessoas), metodológica (métodos e técnicas), instrumental (ferramentas e utensílios) e atitudinal (preconceito, estigma, discriminação). Sobre o primeiro, observa-se que tanto a família quanto os professores muitas vezes se enfurecem, brigam e batem no garoto quando ele não obedece, não dialogando sobre suas dificuldades, e em resposta ele se coloca nessa posição de desobediente, receoso de admitir que não consegue fazer algumas coisas que lhe são pedidas, gerando um ciclo.

A dimensão de acessibilidade metodológica no campo da educação, segundo Sasaki (2009), deve buscar valorizar todo tipo de inteligência que professores e alunos podem ter. Dessa forma, deve-se valorizar a Teoria das Inteligências Múltiplas. Na escola que Ishaan estudou, era dada importância apenas a alguns tipos de inteligências, como a linguística e a

matemática. Conseqüentemente, a inteligência artística de Ishaan não era reconhecida. Percebe-se também que Ishaan não é contemplado pelo sistema educacional tradicional, obtendo mais sucesso com uma abordagem mais individualizada, lúdica e com uso de ferramentas alternativas, como trazido anteriormente.

A dimensão atitudinal também pode ser amplamente vista no final do filme. Esta consiste na “realização de atividades de sensibilização e conscientização, promovidas dentro e fora da escola a fim de eliminar preconceitos, estigmas e estereótipos, e estimular a convivência com alunos que tenham as mais diversas características atípicas” (SASSAKI; 2009; p.6).

O aspecto atitudinal, se manifesta muitas vezes, de forma negativa, pela postura dos professores, cristalizando a figura de Ishaan como um aluno incapaz e destinado ao fracasso, não enxergando suas potencialidades. Machado (2004) aponta que, muitas vezes, as chamadas deficiências secundárias, que surgem justamente por conta do preconceito, estigma e medo podem ser ainda mais prejudiciais do que a deficiência primária, que no caso de Ishaan seria a dislexia.

O professor, ao instigar uma competição de artes na escola, quis mostrar a competência do garoto em um tipo de inteligência que não era reconhecida naquele ambiente. Antes sem ânimo, deprimido, apático e assustado, Ishaan agora estava em um ambiente onde ele poderia confiar em si e voltar a acreditar nas suas capacidades. Como afirmado por Sasaki: “um ambiente escolar que não seja preconceituoso melhora a auto-estima dos alunos e isto contribui para que eles realmente aprendam em menos tempo e com mais alegria, mais motivação, mais cooperação, mais amizade e mais felicidade” (SASSAKI; 2009, p.6).

Retornando a Sasaki (2009), é possível, ainda, falar da dimensão arquitetônica, referindo-se a um amigo de Ishaan que tem dificuldade de mobilidade e faz uso de muletas. Na cena final, quando os alunos e professores são convidados para o pátio externo, que tem grandes degraus, ele aparece sendo carregado por Nikumbh. Isso revela que apesar de transitar livremente entre as salas de aula, nem todos os espaços são acessíveis para aquele aluno, e também leva a uma reflexão sobre que espaços estão sendo usados pela escola - muitas vezes limitado às salas de aula.

Dentro desse panorama, também cabe questionar a que(m) serve(m) esses objetivos e práticas da escola, que se pauta em uma lógica competitiva e individualista e que pouco celebra a diversidade e coletividade. Situado numa sociedade capitalista, esse sistema educacional responde a certas exigências que fazem da desigualdade social e da exclusão vantagens que podem ser usadas a seu favor. Constrói-se uma configuração na qual alguns são

destinados a obter sucesso e outros a fracassarem, já que o mercado de trabalho não tem espaço para todos. Os educadores muitas vezes têm uma sobrecarga de trabalho e um tempo reduzido – como evidenciado em uma cena em que a professora de Ishaan comenta que não pode fazer nada por ele, visto que tem uma turma de 60 alunos para dar conta, o que dificulta ou impossibilita uma aproximação mais minuciosa dos alunos, ou até mesmo a experimentação de ferramentas alternativas e/ou desconhecidas.

É importante ressaltar também a importância da família durante todo esse processo de inclusão social. O filme mostrou como o apoio dos pais é de extrema relevância. Ishaan tinha um pai rígido. Todas as atitudes e comportamentos de Ishaan eram vistos como afronta e teimosia, em momento algum se parou para pensar do porquê de tantos erros repetidos mesmo diante das inúmeras tentativas de ensino. Seus erros eram evidenciados e até pensados como feitos de propósito. No momento em que foi decidido a troca de escola como um castigo para seus erros constantes, Ishaan se sente abandonado, como se ali sua família tivesse desistido dele, de maneira que ele também havia desistido de si.

Quebrar o paradigma do diferente como inferior e menor ainda é uma luta vivida atualmente. É certo que muitos avanços já foram conquistados, contudo vivemos em um período onde muitas batalhas ainda precisam ser vencidas. O preconceito e a discriminação, a qualquer tipo de diferença ou minoria, são tão letais que se tivéssemos consciência do quanto fere o outro, não ousaríamos permiti-lo. O problema é que foi preciso chegar alguém que já tivesse passado pelo mesmo sofrimento para que a dificuldade de Ishaan pudesse ser vista. Nenhum outro foi capaz de se colocar no lugar do seu semelhante e repensar suas atitudes em relação a tal. Cabe a cada um de nós praticar a empatia, independente de qualquer circunstância e entendermos que nossas diferenças são o que nos tornam especiais.

CONCLUSÃO

Tendo isso em vista, a inclusão se mostra como um grande desafio na educação, visto que implica problematizar, repensar e reconstruir os objetivos e o funcionamento escolar e educacional. A inclusão, finalmente, surge como uma forma de combate ao processo histórico de exclusão (ALCÂNTARA, 2009), dentro de uma compreensão de que é a sociedade, como coletivo, que deve buscar mudanças em diversos níveis, visando construir um ambiente em que essas pessoas possam fazer parte efetivamente, aproximando-se de seus direitos e não apenas inserindo seus corpos, mas também tensionando o campo de forças no qual esses corpos circulam (MACHADO; ALMEIDA; SARAIVA, 2009).

De forma geral, é preciso, dentro da psicologia, consolidar ideias e práticas no sentido de problematizar contextos e métodos, contribuindo com o fomento de outros saberes e fazeres. Dificuldades teóricas e práticas de mudança existem e existirão, mas, apesar disso, é importante permanecer questionando esse panorama, e tentar romper minimamente com a homogeneização que se busca no ambiente escolar. É preciso re-pensar uma educação que se dê de forma inclusiva, considerando aspectos da pluralidade humana, tais como a religião, gênero, raça, classe, dificuldades/limitações físicas e/ou cognitivas, contextos diversos, entre outros, considerando também a singularidade do sujeito no processo educativo. A realização de pequenas propostas e ações, assim como o trabalho em rede podem ser revolucionárias e contribuir para mudanças na vida das pessoas. O professor de artes de Ishaan não mudou o sistema educacional da Índia, mas mudou a vida de Ishaan, observando-o, aproximando-se dele e lhe mostrando outros caminhos possíveis.

*“Olhe para eles, como gotas frescas de orvalho
Repousando nas folhas das plantas, presentes dos céus
Esticando e virando, escorregando e caindo
Como pérolas delicadas brilhando com sorrisos
“Não podemos perder essas pequenas estrelas na terra.”
Taare Zameen Par*

REFERÊNCIAS

Alcântara, R. L. de S. **Os desafios para incluir a creche na educação inclusiva** em. **Educação inclusiva: experiências profissionais em psicologia**. Recuperado em 05 de fevereiro de 2018 de <http://site.cfp.org.br/publicacao/educacao-inclusiva-experincias-profissionais-em-psicologia>

Associação Brasileira de Dislexia [ABD]. **O que é dislexia?** Disponível em <http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>

Henn Fabris, E. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/html/3172/317227051011/> >

Machado, A. M. , Almeida I. & Saraiva L. F. de O. **Rupturas necessárias para uma prática inclusiva** em. **Educação inclusiva: experiências profissionais em psicologia**. Recuperado em 05 de fevereiro de 2018 de <http://site.cfp.org.br/publicacao/educacao-inclusiva-experincias-profissionais-em-psicologia/>

Machado, A. M. (2004). **Educação inclusiva**: de quem e de quais práticas estamos falando? (Sessão especial na ANPED: “Ética, subjetividade e formação docente: políticas de inclusão em questão”). Recuperado em 05 de fevereiro de 2018, de http://27reuniao.anped.org.br/diversos/se_adriana_marcondes_machado.pdf.

Pacheco, K. M. de B. & Alves, V. L. R. (2007). **Tendências e reflexões a história da deficiência, da marginalização à inclusão social**: uma mudança de paradigma, 14 (4), 242-248. Recuperado em 05 de fevereiro de 2018 de www.periodicos.usp.br/actafisiatrica/article/download/102875/101168

Sasaki, R. K. (2009). Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista nacional de reabilitação** (Reação), ano XII, mar./abr. p10-16.

Vigotski (2011). A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Revista Educação e Pesquisa**, 37 (4), 861-870. Recuperado em 05 de fevereiro de 2018 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000400012